BIBLIOTECA
FACULDADE DE LETRAS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS

TOMO XIII — 2.ª SÉRIE

N.º 2

UNIVERSIDADE DE LISBOA

1947

O ROMANTISMO EM NOVALIS

«Das Poetische ist das echt absolut Reelle. Je poetischer je wahrer. Dies ist der Kern meiner Philosophie».

DESVENDA-NOS Novalis nestas palavras: «o poético é o autêntico real absoluto e quanto mais poético tanto mais verdadeiro» o segredo da sua estranha, jovem e aventurosa concepção do mundo. «É esse o cerne da minha filosofia». Nessas palavras reside o núcleo mais profundamente medular e fecundo para a interpretação da sua personalidade. E a atitude mais funda na compreensão de um poeta deve preocupar-se com a apreensão de um ou mais núcleos que impliquem todas as manifestações do seu pensamento e da sua obra. Não importa explicar: a explicação é eferente e centrífuga. Importa sim a implicação no *Grunderlebnis* a que tudo na obra se refere, ou seja, valor de que tudo é reflexo e símbolo, até os aparentemente «insignificantes» pormenores. Implicar é, no sentido em que usamos o termo, fazer reverter a esse núcleo. Por isso não tem sentido o *desideratum* de explicar um poeta, quando o que nos interessa é compreendê-lo. Pois esse alguém que se propõe compreender os poetas, detentor do tão difamado e vexado nome de crítico, é, ou deveria ser, na sua forma mais pura capaz de «vedorismo». Esta doutrina que nos nossos dias poderia ser um bem comum, foi há século e meio uma das convicções mais arreigadas dos jovens românticos alemães. Diversa, porém, e por vezes triste tem sido a história das conquistas românticas nos diferentes domínios da cultura. Algumas perderam-se, outras esperam ainda rejuvenescer.

A preciosa teoria romântica da crítica organicista foi dentre

as aquisições desse período histórico uma das que mais longo tempo sofreram de incompreensão. Guardada como fogo sagrado por um ou outro grande poeta da «compreensão poética», ainda não chegou o dia da sua total e plena afirmação. No círculo dos românticos de Iena teve um doutrinário: Friedrich Schlegel. Foi ele quem a proclamou teòricamente e tentou realizá-la na famosa *Charakteristik* do *Wilhelm Meister*, romance de Goethe que os românticos celebrizaram e não se cansaram de admirar e estudar, enaltecendo-o mesmo quando dele discordavam. Para Novalis, porém, *Kritik der Poesie ist Unding* — crítica da poesia é um disparate. Poesia não era susceptível de crítica no sentido até então vigente de crítica explicativa e censurante. Para Novalis era uma profanação e uma enormidade temerária aferir a poesia por padrões e submetê-la à jurisdição de cânones, ou «defini-la» em circunscrições lógicas e tradicionalistas. É por via negativa que em teoria se tenta aproximar da poesia. Poesia não é sequer definível — *Poesie ist indefinissabel.* Não é possível fechá-la num conceito exaustivo. Abeira-se da sagrada palavra — *Poesia* — em tentativas de rodeio consciente e antecipadamente votadas a insucesso. A própria dialéctica tem dificuldade em encontrá-la. Sim, Novalis denomina-a: *offenbarten Gemüt, produktive Individualität* — revelação do mais íntimo, personalidade produtiva. Mas, se quisermos compreender o sentido profundo e supremo, religioso e poético que ele dá a Poesia, temos de recorrer ao seu pensamento filosófico que é, no fundo, uma grande tentativa de interpretação da Poesia. A filosofia é uma teoria da Poesia, pois esta é toda a verdade. A sua filosofia é poética, e poética é a sua vida, a sua moral, a sua religião, a sua política: Poesia é a essência mais profunda de tudo e do todo.

Das poetische ist das echt absolut Reelle. São sem dúvida estas palavras as decisivas, a chave única que nos abre o segredo da sua *Weltanschauung*, a síntese de tudo quanto disse, viveu e escreveu. Arde nele o ideal convicto de poetização do mundo. *Die Welt muss romantisiert werden* — e o paradigma do homem deverá ser o poeta. Aqui pretendemos indicar os aspectos que toma nos vários domínios essa revolucionária *Weltanschauung*, que é romântica pelo facto de ter como fundamento e motivação o próprio acto poético. Porém, como se manifesta essa redução

a um plano único — o poético — e como, através dessa manifestação, se reconhece o que para Novalis é o acto poético por excelência? Eis o que nos resta deslindar. Já sabemos onde procurar o esclarecimento dos mais relevantes aspectos do seu poeticismo: na concepção filosófica do homem na relação com o universo e com Deus.

Como todos os românticos de Iena, Novalis conheceu, antes do neoplatonismo de Hemsterhuys e do misticismo de Böhme, o idealismo de Fichte. Em Fichte encontrou uma das suas ideias basilares: para o autor da *Wissenschaftslehre,* a *intelektuale Anschauung* — intuição intelectual — descobre no homem um «eu» absoluto, transcendental, que se manifesta em antítese ao não-eu. O eu especìficamente íntimo e humano é o princípio espiritual consciente, e o não-eu exterior, aprendido empìricamente, é a natureza que os sentidos captam para o homem. Porém, eu e natureza são idênticos, como o reconhece o «eu» que na *intelektuale Anschauung* se eleva em esforço de consciencialização contemplativa no anseio de dar ao homem «o eu do seu eu», como Novalis disse em tão bela fórmula. A mesma alma anima a natureza e o homem. Este momento unitivo era já um momento místico: um momento de imediata realização dessa unidade. E também o panteísta vê em tudo, na natureza e nos homens, a presença una da divindade. Novalis, se tem uma vivência quase mística, está contudo em perspectiva especial que não é nem rigorosamente panteísta nem mesmo idêntica à que Schelling fundamenta na filosofia da identidade. Aqui a identidade é um facto, é perfeita; o espírito, o *Geist,* está deveras omnipresente. Para Novalis a identidade será: é potencial e latente. Como Hartmann, com aguda penetração esclarece e acentua, a sua concepção é pelo aspecto activista mais próxima de Fichte do que de Schelling. O homem terá de realizar a identificação por um acto, e o acto é o valor supremo para Novalis. A vasta obra da sua curta vida testemunha a infatigável actividade deste jovem, de cuja impressionante efervescência interior o amigo Fr. Schlegel encontrava manifestação sintomática no próprio ritmo do falar. Diz em uma carta: «falava três vezes mais e três vezes mais depressa do que nós».

A interpenetração do espírito e da natureza é o presente de um acto. Mas qual a característica e o índice desse acto? Como consegue o homem realizar a união da alma com o mundo, atingir o *Indifferenzpunkt* do polo objectivo e subjectivo, como diziam metafòricamente os românticos nos seus primeiros entusiasmos pela linguagem da nova física (Galvani, Ritter, etc.); como superar a antítese do eu e da natureza, fundir a dicotomia interior? O homem vulgar, o filisteu, desconhece-a e também ignora o íntimo pertencer-se de homem e natureza, e a união primitiva e talvez futura da família universal da pedra, da planta, do animal e do homem. Esse desconhece o universo e para ele o mundo bifurca-se em natureza, mundo exterior que pelos sentidos é levado ao homem, e mundo interior, para ele especìficamente humano — o racional e lógico — do *Verstand* e da *Vernunft*. Esse homem burguês é um estranho e um intruso no mundo: entre animais, plantas, pedras e ele não há senão uma relação utilitarista. Utiliza-os como instrumentos para servir os seus fins. Ou então, quando intelectual, a devoção mediata à natureza não é gratuita e pura: preocupa-se com arrumá-la segundo leis; ou seja, subalterniza-a ainda, pretendendo reduzi-la ao formato do seu intelecto. No fundo, está de relações cortadas com ela. Não a trata por tu. Não a dialoga. E, de entre todos os homens que a têm tentado compreender e amar, um só há, privilegiado, que é o seu íntimo: o poeta. *Nur die Dichter haben es gefühlt was die Natur den Menschen sein kann...* Isto é, só os poetas ainda sentiram o que a natureza pode ser para os homens. Ao poeta tudo se mostra no que realmente é; só ele está na posse da verdade e do universal concreto que ela exprime. E é por isso que o poeta é a mais pura revelação de humanidade. É o ideal do homem futuro legado através das gerações pelo homem original, primigénio. O poeta é, pois, no sentido mais fundo da palavra, o arqui-homem. Novalis não se cansa de proclamar a sua suprema dignidade. Considera-o o médico transcendental, porque só ele pode purificar e iluminar o homem, restituindo-o à antiga pureza e inocência. Chama-lhe ainda vidente e profeta. Identifica-o com o sacerdote. *Dichter und Priester waren im Anfang eins,* — pois nele fala a voz de Deus com o verbo de amor que criou a natureza e o universo. E é

também de todos os homens o mais religioso e o mais filósofo. Enfim, é um deus recriador do universo. O poeta cria de novo o mundo para os homens e essa criação é obra de conhecimento. Como diz Cysarz, em frase significativa e profunda sobre os românticos: a sua ficção não é *Konkurrenz eines Erschaffenen, sondern Transparenz eines Erhaltenen,* ou seja, não se trata de concorrência criadora, mas de transparecimento do existente.

No entanto, segundo Novalis, todo o artista é já parcialmente um poeta: o pintor e o músico são quase-génios. Só o poeta, porém, é e deverá ser cada vez em mais vastos círculos o génio total. Mas, perguntar-se-á: qual é o distintivo específico dessa genialidade? São ainda as formulações filosóficas de Novalis que nos podem dar as mais explícitas respostas. A primeira é a seguinte: o suicídio. Não nos deixemos, porém, embaraçar pela estranheza e originalidade de expressão muitas vezes paradoxal, que os românticos afeiçoam. Novalis não se refere aqui à morte no sentido corrente de abandono da vida natural; não é uma apologia wertheriana nem o conselho aos poetas de porem termo à vida para alcançar a perfeição. Suicídio, na sua ousada terminologia, significa simplesmente *ascese.* Não houve, porém, um capricho verbal no uso deste termo designativo da situação suprema que é a morte. A sua escolha audaciosa reflecte a vivência, ou melhor, uma das vivências fundamentais que determinou decisivamente a orientação do seu pensamento e da sua existência.

Desde que a noiva lhe morreu em 1797, tendo ele 25 anos, a morte tornou-se, após esse profundo abalo emotivo, uma ideia obsediante e fecunda. Primeiramente como aspiração de abandono da vida, vai-se pouco a pouco alterando até afirmar-se simultâneamente com a vida; mais ainda: enriquece-se de tal modo que passa a ser condição da própria vida, símbolo da purificação e redenção pelo espírito. Novalis neste processo atinge o significado da mitologia cristã, católica, valorizando-a na sua poesia. É, todavia, necessário tornar bem claro que este ascetismo, esta alusão à morte da carne para manifestação pura do espírito não só não tem, como é de prever, relação alguma com o dogma católico da separação *post-mortem* da alma e do corpo, como também não implica de qualquer forma

dissociação de espírito e matéria seguida de aniquilamento desta. Não. Novalis, como nenhum outro romântico, nunca pensou em separar. Todo o esforço destes homens é unitivo e amoroso. Novalis pensa em fundir mais ìntimamente a alma e o corpo, pensa em interpenetrá-los mais, em repassar o corpo de espírito activo. O que ele entende por morte, é a morte da dissociação, é o aniquilar da aparente condição «de corpo como oposto a espírito». De facto, é uma revalorização da «empiria».

E tudo isto é processo a realizar na existência no mundo pelo homem aspirante ao ideal supremo da *Bildung*. E este será o primeiro passo nessa via formativa; ou, mais rigorosamente, o segundo, visto que o primeiro é o reconhecimento da necessidade de dar esse passo. O primeiro é, pois, de autodesvendamente e meramente reflexivo; o segundo é activo e decisivo. Primeiro e segundo chamam-lhes os nossos tristes preconceitos didácticos, mas para Novalis ambos são um e único processo, simultâneos, interdependentes e representativos dos dois caminhos que se oferecem ao homem, e que são afinal as duas extremidades da mesma via: *Weg nach Innen und Weg nach Aussen*. Atentando bem, notamos que ambos são direcções polares ou pólos de um e mesmo eixo. Essa uma e mesma estrada deverá ser percorrida em ambos os sentidos. Não é indiferente sair de si para perfazer as jornadas da experiência ou encerrar-se no seu íntimo, desconhecendo-a e à natureza. O primeiro trajecto se for feito sem o segundo é penoso, lento e tortuoso. Se as jornadas interiores viessem em auxílio do viandante, desapareceriam essas asperezas e rodeios e o longo caminho seria feito de um salto. Assim no-lo revelam as palavras de Heinrich, herói do seu romance. Nenhum vale por si só. Valem na mutualidade da existência. Esta, uma das ideias matrizes de Heinrich von Ofterdingen, é bem significativa para a concepção do mundo e da vida dos românticos. Nunca um romântico se encontra perante uma opção unilateral e dilemática. Anseia por superar antíteses, conciliar opostos, enlaçar contrastes para atingir o universal em processo dialéctico que não sobreleva um aspecto em detrimento de outro, porque considera e respeita cada um dos termos com vantagem para ambos. Para Novalis intimizar-se é encontrar-se a si próprio nos objectos e na natu-

reza. Todo aquele que no templo sagrado da Natureza se abeira da deusa para lhe levantar o véu, vê-se com espanto a si próprio. *Er sah — Wunder der Wunder — sich Selbst.* Intimização é descoberta de si e do universo em si próprio, porque o homem é o ressoante microcosmos do macrocosmos. E intimizar-se é desvendar-se integralmente: é iluminação interior pelo espírito, é intensificação do sentir, multiplicação e fecundação do latente. Novalis fala-nos de gestações interiores. É, no fundo, um ideal de lucidez. Também nos fala muito de «acordada vigília» — *Wachsamkeit.* E confessa a Caroline Schlegel, na carta onde comunica as impressões da leitura de *Lucinde*, que secretamente desejaria estar sempre acordado. Estar acordado é estar permeado pelo espírito e comandar todos os órgãos potencializando o seu sentir. Só assim o homem sente a omnipresença do espírito no universo e nesse abraço que o confunde com a natureza encontra a alma. *Die Seele ist da wo Gemüt und Welt sich berühren.*

Vimos já que só o poeta, génio total, consegue na vibração dos seus sentidos multiplicados e activos a lucidez do espírito que dilui todas as aparentes distinções na consciência profunda da unidade. Indicámos também que já no pintor e no músico, génios parciais, se realiza essa diferenciação genial do homem vulgar que é o primeiro estágio do despertar do espírito pelos sentidos: — no pintor a visão, no músico a audição possuem tal grau de luminosa lucidez que actuam sem solicitações exteriores e fazem confluir em uma sensação única a percepção recebida do exterior e o acto de espírito que a anima e cria. O músico ouve no fluir das águas uma melodia, e é musical para ele o rumorejar do arvoredo. Não ouve o correr dos regatos, ouve sim a canção do espírito que neles canta e que se irmana com a canção que dentro de si mora, porque o espírito é sempre um e o mesmo, gemendo e jubilando nas ramagens e nos homens. No músico, pois, há já um sentido cuja intensidade espiritual confraterniza com os sons da natureza. Ao contrário do comum dos homens, ouve de dentro para fora e não de fora para dentro, como também no pintor o olhar é interior. Mas nem um nem outro atingiram a perfeição total do poeta: neste todos os sentidos conhecidos e desconhecidos — (há muitos, segundo Nova-

lis, que o homem ainda não fez desabrochar em si) — estão vibráteis, lúcidos, potencializados em contínua recriação.

O próprio poeta, porém, esse segundo deus e segundo criador, não se ergueu ainda, todavia, ao apogeu da sua vocação humana. Ainda não é mago. Sim, o poeta é o senhor da fantasia, já é mais completo, sensível e activo do que os outros artistas e o bom burguês. A fantasia dá-lhe o pressentimento de eternidade, da ilusão das categorias racionais de espaço e de tempo, da apercepção sensorial e até da própria morte; já lhe permite adivinhar o reino absoluto do Amor, onde tudo é caos em gestação de nova ordem, de uma ordem diferente daquela que o mundo apresenta ao homem reduzido a intelecto e a sentidos. Sim, o poeta é já de certo modo um mago, mas ainda não subiu todos os degraus; ainda, citando as palavras de Novalis, brinca com a fantasia como uma criança brinca com a varinha de condão do pai, grande feiticeiro. Ainda não alcançou o domínio e força de alma necessários para não só na obra poética representar objectivamente o advento do novo reino do «ερως» universal, como também na própria existência realizar essa transmutação total de si e da sua relação com a natureza. Logo que alcance esse almejado e exequível ideal, poderá morrer para a existência terrena e poder-se-á metamorfosear em metempsicoses sucessivas. Será então o verdadeiro *Magier*, e terá escalado o último degrau que separa o homem dos deuses. É este, de resto, o alvo que se propõe fazer atingir ao protagonista do seu célebre e inacabado romance. O caminho para a purificação e redenção pelo espírito, o caminho que após guerras, aventuras, encontros e longas viagens o leva sempre em perseguição da simbólica flor azul, à morte e à transmutação em pedra, em árvore sonora e em carneiro *(Widder)* de ouro. É um itinerário de amor e pelo amor. Poesia é realização do amor. Amor é a via láctea de regresso à unidade radical do espírito. É um abrir-se do mundo futuro e passado. É o acesso ao reino da harmonia, quando o tempo ainda não era. E é simultâneamente a revelação da coexistência desse reino com o reino do tempo e das formas diferenciadas na consciência do homem. Para melhor compreendermos o sentido que Amor tem para Novalis, devemos recordar que na sua existência soube o que era o amor de dádiva, quase não

mútuo, amor em que percorreu ele todo o caminho, amor que não nasceu da comunhão, mas amor que foi sua obra. E tanto assim que esse amor perdurou activo após a morte do ser amado e ainda mais cintilante e forte, porque foi poesia «a solo», alimentado pelo seu próprio fogo. Uma qualidade de amor bem próxima do amor sófico — (e por coincidência, que ele destinalmente interpretou, tinha a sua noiva o nome de Sofia) — bem próximo também do eros universal: amor que contém pergunta e resposta, origem e fim, sujeito e objecto.

Assim se compreende que o salto da vivência amorosa funda e decisiva fosse fácil para a decisiva e funda compreensão do amor que reúne no seio universal o homem e a natureza. Comparámo-lo já à via do regresso ao Todo. Nessa via só a poesia, a fábula e a fantasia transitam. Poesia é pois irmã do amor. Neste parentesco apresenta-a Novalis no conto fantástico e mitológico narrado no seu romance pelo velho poeta Klingsohr. Poesia aparece-nos aí encarnada na deliciosa figura da pequenina «Fabel». Esta pelas suas artes salva homens e deuses, a terra, o céu e o próprio Amor, seu irmão. Poesia redentora. E quando o homem for o homem que Novalis pensa que poderá vir a ser, será «Fabel» a doce e amável déspota e reunirá sob o seu cetro a ciência, a moral, a religião e a política. Insuflará a todos a sua alma ardente: a ciência humilhar-se-á e demitir-se-á da regência, ciente da sua importância mas também dos seus limites; na moral não haverá códigos nem imperativos heteronómicos. O acto moral não será ditado por cânones que contrariem o impulso decisivo interior e individual. Será então moral sempre a imediata decisão. Só ela equivale a uma canção. Diz Novalis: *(eine überraschende Selbstheit ist zwischen einem wahrhaften Liede und einer edlen Handlung).* Todo o acto do poeta, do homem que se criou em constantes gestações interiores, é, *ipso facto,* moral. Moral e religioso. E assim as três palavras mágicas que encerram o segredo da existência ideal do homem são para Novalis: Morte, Amor e Poesia.

MANUELA DE SOUSA MARQUES.

ÍNDICE SUMÁRIO DO TOMO XIII nº 2

Estudos:

Pág.

J. MAROUZEAU — *La Dernière Crise de L'humanisme* 5

EDMUNDO CURVELO — *Sobre os Fundamentos da Lógica* 9

VIRGÍNIA RAU — *Alguns eruditos e bibliógrafos do Século XVIII* . . . 18

MANUELA DE SOUSA MARQUES — *O Romantismo em Novalis* 44

HERNANI CIDADE — *A «Etiópia Oriental» e a «Vária História» de Fr. João dos Santos* 53

FERNANDO BANDEIRA FERREIRA — *O Misterioso País de Ogané* . . . 71

GUSTAVO CORDEIRO RAMOS — *Prof. Angelo Monteverdi* 83

Vida da Faculdade:

Actividade Cultural da Faculdade 88

Bibliografia:

EMIL STAIGER, *Grundbegriffe der Poetik* (A. de Oliveira Cabral), pág. 96. — PROF. DR. SILVEIRA BUENO, *Estudos de Filologia Portuguesa* (Elza Pacheco), pág. 99. — ARTUR DE ALMEIDA TORRES, *Textos Antigos*, Comentados (Elza Paxeco), pág. 101. — MESTRE ANDRÉ DE RESENDE, *A Santa Vida e Religiosa Conversão de Fr. Pedro, Porteiro do Mosteiro de S. Domingos de Évora* (Elza Paxeco), pág. 102. — JOAQUIM ENTRAMBASAGUAS, *Vivir y Criar de Lope de Vega*, I; *Estudios sobre Lope de Vega*, I (Hernani Cidade), p. 103 — B. XAVIER COUTINHO, *Camões e as artes plásticas — Subsídios para a iconografia camoneana* (Hernani Cidade), pág. 105. — JOSÉ DE ALMEIDA PAVÃO JUNIOR, *Sub Tegmine Fagi* (J. do Prado Coelho), pág. 106. — MARTIN DE RIGUER, *Obras Completas del Trovador Cerveri de Girona* (J. do P. C.), pág. 107. — ALVARO DOS SANTOS SARAIVA DE CARVALHO, *A Alma Amorosa de Catulo* (Américo da Costa Ramalho), pág. 108. — LEONARD S. DOWNES — *Portuguese Poems and Translations* (A. de Oliveira Cabral), pág. 110. — ANGEL GONZÁLEZ PALENCIA, *Del «Lazarillo» a Quevedo* (Giuseppe Carlo Rossi), pág. 113. — JACINTO VERDAGUER, *Prólogo y selección de José Maria Castro y Calvo* (Giuseppe Carlos Rossi), pág. 116. FELICIANO RAMOS, *Trindade Coelho Homem de Letras* (J. do Prado Coelho), pág. 119. — EÇA DE QUEIRÓS, *Documentário de uma comemoração* (J. do P. C.), pág. 121. — NARCISO DE AZEVEDO, *A Arte Literária na Idade Média* (J. do P. C.), pág. 122.

Revistas de Revistas 124

UNIVERSIDADE DE LISBOA